## Língua de herança em território fronteiriço: uma conversa com a Profa. Dra. Elisangela Baptista de Godoy Sartin

## Heitor Pereira de Lima\*

Elisangela Baptista de Godoy Sartin tem Doutorado (2016) em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestrado (2008) pela mesma instituição. Integrou o grupo de pesquisa Linguagem e Cognição, na USP, atuou nos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia da Universidade Ibirapuera (UNIB) e atualmente é professora na Escola Estadual Professor Dom José de Camargo Barros, no interior de São Paulo. Durante o doutoramento, Elisangela Sartin pesquisou sobre o português de herança em território fronteiriço e, por isso, realizou o período sanduíche na Universidade de Évora, em Portugal.

A tese de Elisangela Sartin (2016), **O português de herança em território fronteiriço**: a LH em Olivença como arma para preservação de um grupo minoritário, destaca-se nos estudos sobre língua de herança, dada a necessidade de aprofundar/atualizar uma discussão cara aos estudos da linguagem: o português de herança em território fronteiriço. Nesse sentido, a pesquisadora não poupou esforços para, em seu trabalho, trazer à cena reflexões sobre sentimento de pertença, grupos étnicos, bilinguismo, comunidade sociolinguística, resiliência cultural, etc.

<sup>\*</sup> Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras — Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas). Integrante do Grupo de Pesquisa NELLF, da mesma instituição. Bolsista CNPq. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3247-4847.

<sup>1</sup> A partir de agora, LH.

O convite feito à Professora Elisangela Baptista de Godoy Sartin para conversar<sup>2</sup> comigo sobre LH em território de fronteira, discussão oriunda da pesquisa dela, se deve, inicialmente, à relevância de seu corajoso trabalho em pesquisar português de herança em território fronteiriço, com todas as interferências das fronteiras geográficas e, sobretudo, das fronteiras abstratas, sendo estas um desafio maior ao grupo minoritário que tenta preservar sua LH. Relevante ainda é sua dedicação em comprovar, contrariando as conclusões dos estudos de Vasconcelos (1980), Fernández (2004) e Matias (2001), que o português de herança em Olivença nunca vai morrer. Isto é, mesmo que os oliventinos portugueses sofram retaliações dos espanhóis, sejam obrigados a silenciar sua LH, sejam forçados a esquecer sua cultura, nada disso terá êxito porque o coração português que pulsa em um lado da ponte da Ajuda (Elvas) é o mesmo que pulsa do outro (Olivença).

Por fim, destaco a importância de Elisangela Sartin para mim. Não se trata de um carinho à entrevistada, é mais do que isso: a pesquisadora Elisangela Sartin, minha eterna professora de Letras, é uma das responsáveis por me fazer acreditar na possibilidade de realizar sonhos por meio dos estudos. A ela dedico carinhosamente este trabalho.

<sup>2</sup> A entrevista aconteceu de modo virtual, por meio do aplicativo Zoom, em 2/3/2021, com duração de 1 hora e 20 minutos. Após o encontro, foi realizada a transcrição da conversa.

Heitor Pereira de Lima: Professora, para começar nossa conversa, gostaria de retomar um trecho de sua pesquisa que diz: "Quem habita regiões de fronteira nunca sabe ao certo quem é o outro, que língua é a outra. Tudo parece mesclar em conceitos e cultura." (SARTIN, 2016, p. 16). Diante disso, podemos concluir que esse desconhecimento (do outro e da língua), no espaço de fronteira, é fator de acolhimento às identidades?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, Heitor, em uma parte da minha pesquisa, eu coloco, como tema da minha tese, fronteira como lugar de manutenção e de preservação de herança cultural. Então, na verdade, não é fator de acolhimento, mas uma maneira de tentar se incluir em uma cultura e em uma língua diferente. Então, na verdade, não se trata de acolhimento, mas de um conflito de identidades. Isso pelo fato de que nós estamos falando de portugueses que vivem em uma cidade cuja cultura é diferente da deles, é uma outra língua, é uma outra cultura, e, embora seja tão próximo deles, é um outro país. E para eles o sentimento de pertença acaba falando mais alto. Então, na verdade, eles querem pertencer àquele lugar, eles querem fazer parte do lugar e, para isso, eles têm que lutar. Mais à frente falaremos um pouquinho sobre fronteira.

Eu coloco na minha tese: a um passo e eu já estou do outro lado que não é o meu de pertença, é um lado diferente, mas que agora eu vivo ali e é onde criei meus laços. Então, quando eu coloco na minha tese que a cultura portuguesa caminha pelas ruas de Olivença é como se fosse deles, dos portugueses, mas não é. Aí eles se perguntam: "É uma Olivença lusitana ou é uma Olivença espanhola?" Então, é um conflito, não um acolhimento.

É o fato de — Qual é o meu lado e eu pertenço a qual cultura? Eu sou português, mas eu vivo na Espanha. Eu falo espanhol, mas eu sou português. E eu tenho que falar espanhol porque minha língua (português) é minoritária. O espanhol é a língua dominante. Então, quem sou eu numa terra onde eu uso a língua que não é minha, mas eu tenho um sentimento de pertença sociolinguístico dentro de mim, que não é o espanhol?

Retomo rapidamente. O meu trabalho trata de Olivença, uma cidade que era portuguesa, era pertencente à Portugal, mas, com as grandes invasões dos espanhóis, que dominaram, de forma truculenta, e mataram os portugueses que ali viviam, fizeram de Olivença uma terra espanhola. Bom, hoje, os portugueses que lá residem sabem que a terra era deles, mas que não é mais. E eles sentem a questão de embate por ter sido tomada. De um lado, tem Elvas, do outro lado, tem Olivença; de um lado, tem Portugal, do outro, tem a Espanha, dividido por uma pontezinha, a ponte da Ajuda. Essa ponte, então, liga duas culturas totalmente diferentes, porque a Espanha tem sua cultura de dominação, os espanhóis são dominantes e sempre se sentiram dominantes por onde eles passam, e os portugueses, por outro lado, tentam se preservar ali porque não é a terra deles, mas eles sentem que já foi. Então, existe um conflito sociolinguístico. Não é um acolhimento de identidades, é uma tentativa de pertencer à comunidade, e, para isso, eles têm que usar a língua majoritária, que é o espanhol. Quando os espanhóis dominaram Olivença, eles proibiram que se usasse o português. A língua portuguesa foi banida de Olivença. Eles eram proibidos de usar qualquer coisa que tivesse ligação com Portugal. Os oliventinos, os poucos que ficaram e os poucos que hoje vivem lá, que vão em busca de emprego, ganhar um pouco mais, porque, segundo eles, e pelas pesquisas que fiz, dizem ganhar um pouco melhor vivendo na Espanha, vão para lá para trabalhar. E eles sentem que aquela terra era deles, não é mais. E eles sentem que têm que viver lá, mas escondendo o que é mais precioso para eles: a língua.

Eu espero que eu tenha respondido e tirado sua dúvida com relação a isso. Ficou claro?

Heitor Pereira de Lima: Sim. Muito obrigado, professora! Passando, então, à segunda questão: em sua pesquisa, a senhora tem a preocupação de apresentar alguns significados do termo *fronteira*. Diante disso, Handler (1994), Wilson e Donnan (2000) são convocados para tal empreitada. Por que a discussão desse termo é importante para os estudos sobre LH?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, então vamos lá. Os estudos sobre LH, hoje, estão crescendo muito nos Estados Unidos, na Itália, na Espanha. Mas eu fui estudar LH não em qualquer lugar, eu fui estudar LH numa região fronteiriça. De início, minha pesquisa seria no Uruguai. Eu faria uma pesquisa Brasil - Uruguai, era esse meu foco inicial, mas, de repente, eu mudei para Portugal - Espanha.

Bom, então, sobre a fronteira geográfica: de um lado, um país; de outro, outro país. Quando falamos de países que estão grudadinhos, como é o caso de Elvas (Portugal) e Olivença (Espanha) — hoje é espanhola, embora já tenha sido pertencente aos portugueses, hoje não é mais — as fronteiras geográficas afetam as fronteiras abstratas.

Assim, primeiro, se eu quis estudar LH e(m) fronteira,

tive que buscar o que a fronteira faz no indivíduo. Morar em um país distante do meu é uma coisa, agora viver em um país que está do meu ladinho — é só atravessar uma ponte para que eu esteja em uma outra terra, em uma outra cultura, em uma outra língua — é outra coisa. Bom, por que isso é diferente? Os povos de cá e de lá, eles convivem e eles repelem-se pelo que em resposta conhecemos como uma fronteira. Bom, fui pesquisar sobre o termo fronteira, que, segundo Handler (1994), tanto no inglês, quanto no francês, sempre foi associado ao campo semântico militar, que vem de defesa e combate. O que é o militarismo? É combater e é defender. Daí vem o termo fronteira. Então, fronteira tem a ver com embate? Tem, tem sim.

Bom, o termo fronteira começa a ser usado pelo rei Henry VIII e é designado como sinal de impedimento contra os inimigos.

Então, desde os tempos remotos, as relações dadas aos lugares fronteiriços não eram amistosas. E aí *frontier*, como significado mais político que *boundary*, se refere à parte de um país que fica de frente e encara o outro. Ou seja, Portugal (Elvas) e Espanha (Olivença): um encarando o outro, a sensação de relações não amistosas. Bom, no meu trabalho, eu falo sobre a questão da cognição, eu estudei Tomasello (1999), que fala sobre um efeito catraca existente até mesmo na língua quando a gente trata de evolução. Tomasello (1999) fala sobre evolução. E o que é o efeito catraca? É quando as coisas vão mudando, trazendo coisas diferentes, se modificando, só que sem perder as originais, sem perder a essência, algumas coisas vão ficando, outras vão se perdendo. E, aí, eu trouxe Tomasello (1999) para o meu trabalho: na relação existente entre os oliventinos nativos e os oliventinos

portugueses, há sim uma relação de efeito catraca desde os tempos remotos. Então, são relações passadas que eles vão mudando, a língua vai mudando, os portugueses trouxeram sua cultura, mas algo ficou desse efeito catraca. Tudo se modificou, só que coisas ainda ficaram ali, o sentimento de pertença fica. Então, os portugueses oliventinos que vivem lá por anos, desde pequenos estão lá, desde jovens, eles se modificaram, a língua modificou, a cultura deles já está impregnada com a cultura espanhola, mas, dentro deles, ainda existe um sentimento de pertença linguística. Então, eles carregam coisas que usam e nem sabem mais que são portuguesas, mas continuam usando. Dessa forma, em uma conversa espanhola, eles usam termos portugueses, porque é o efeito catraca, aquela coisa que ainda fica dentro da gente. Por isso eu estudei o termo *fronteira*. Para saber o porquê do embate entre eles. O embate entre os oliventinos nativos e os oliventinos portugueses se dá, exatamente, porque um sente que tem que se proteger do outro. Já os oliventinos portugueses sentem que precisam se defender de uma cultura que não é mais a deles e que, a qualquer momento, eles podem ser atacados, inferiorizados e, por isso, se sentirem acuados porque são minoritários em um país onde a língua dominante não é a deles.

Quando falamos de LH em um outro país distante, talvez não seja o mesmo de LH em um país tão pertinho. Percebe-se, assim, que a sociolinguística é muito importante para entender a LH.

Também cito, na minha tese, Wilson e Donnan (2000), que também falam sobre fronteira em uma perspectiva política. Mas trabalho a fronteira no sentido abstrato, uma fronteira que não existe geograficamente, mas ela está entre os oliventinos portugueses e os oliventinos nativos.

736

Heitor Pereira de Lima: Ainda em sua pesquisa, a senhora faz uma constatação: "Como é sabido, uma língua de herança é quase sempre minoritária e suscetível a uma série de preconceitos. Assim, para que esta seja preservada entre seus falantes, é necessário que tenham consigo ativo um sentimento de pertença linguística." (SARTIN, 2016, p. 22). A senhora poderia comentar um pouco sobre "sentimento de pertença linguística"?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, diante do termo "fronteira" visto como uma defesa ou competitividade, por ser região fronteiriça, proteção do território, e pelo fato de os portugueses morarem em regiões tão próximas, certamente, haverá uma maior facilidade na manutenção ou na permeabilidade de sua cultura de herança, incluindo a língua. Então, a proximidade geográfica tem também um sentimento de proximidade étnica que reforça o sentimento de pertença, também linguística. Uma das perguntas feitas na minha tese foi "Itens funcionais do passado podem ser sentidos como próprios da língua materna ou como itens da língua estrangeira?" (SARTIN, 2016, p. 20). Os jovens usam a LH? Então, aí o que a gente fala sobre etnicidade? Muitos defendem que é o que pertence a um grupo, identidade grupal. Os moradores de Olivença, quando usam o português nativo dos imigrantes e o português de herança, que é a língua dos filhos ou dos netos dos imigrantes, eles fazem uso de marcas de um grupo étnico pertencente à região de moradia. Nós temos: os falantes do espanhol, com pertença linguística, e os falantes do espanhol nativo. Então, quando eu digo pertença linguística, os falantes possuem marcas de uma LH, eles utilizam, muitas vezes, de forma inconsciente, já que nem sempre reconhecem os traços como culturais ancestrais.

Nesse caso, o que é ter um sentimento de pertença linguística? É eles terem a língua deles, só que no dia a dia usam o espanhol porque a língua usada na região é o espanhol. Eles moram em uma região de língua espanhola, portanto, são obrigados a falar espanhol, que é a língua majoritária, a língua dominante. Só que, dentro deles, têm o sentimento de pertença linguística. Os mais velhos já reconhecem esse sentimento. Então, quando eles usam termos portugueses falando em espanhol, ora eles percebem, falam porque querem, ora eles falam porque está incrustada dentro deles essa língua que já era deles, que não podem usar, mas eles usam. Já os mais jovens, os filhos dos portugueses, eles já nasceram falando espanhol porque é a língua deles, só que muitas vezes eles usam termos que não são do espanhol. Isso é um sentimento de pertença linguística mesmo que eles não saibam. Por exemplo, eles já usam, lá em Olivença, a palavra gafanhoto, que não é do vocabulário espanhol. Então, eu perguntei assim: Você fala gafanhoto ou saltamontes? E eles usam: saltamontes. O gafanhoto é do português, isso é um sentimento de pertença linguística que nem eles percebem. Porque dentro deles há esse sentimento de pertença, mesmo que eles não saibam, muitas vezes, é consciente, mas, outras, é inconsciente. Isso é sentimento de pertença.

**Heitor Pereira Lima:** O que difere a LH da língua materna (LM)?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, a LH não é o mesmo que L2, uma segunda língua, e não está no mesmo escopo que aquisição de linguagem. Porque no caso da L2A, a criança

aprende na sociedade em que está imersa. Então, a criança vai para outro país e aprende uma segunda língua, mas ela já tem a língua dela em uso. Certo? Quanto à LH, a criança aprende em casa, a língua do seio familiar, mas existe um conflito nisso.

Lima-Hernandes (2015), uma pesquisadora que admiro muito, foi minha orientadora neste trabalho, ela fala sobre a questão do conflito que existe na LH, diferente da L2. Porque quando a criança vai aprender um segundo idioma, vai ser tornar bilíngue, ela já tem uma língua e adquire outra. Na LH, a criança aprende a LH em casa, ela ouve essa língua somente em casa, porque ela mora, no caso da minha pesquisa, com mãe portuguesa e pai espanhol, ou pais espanhóis e que têm um avô português que os visitam. Essa é a LH. Lima-Hernandes (2015) fala: "Mas que língua familiar é essa onde o pai e a mãe falam o idioma da sociedade receptora?" No caso da minha pesquisa, os pais falam espanhol. Isso é muito conflitante.

A língua materna é a língua nativa, adquirida na troca de línguas. A LH é a língua aprendida no seio familiar. Então, ser espanhol, nascido na Espanha, falante do idioma espanhol, mas dentro de casa, ouve alguém falar em português de Portugal.

**Heitor Pereira de Lima:** Ao discutir sobre LH, podemos convocar outras reflexões. Nesse sentido, qual a importância de trazer à cena a discussão sobre bilinguismo?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, língua, como todo mundo sabe, é um fenômeno cultural, dinâmico, é vivo, faz parte da vida do indivíduo desde o nascimento. Muitas vezes, a criança tem mais de uma língua desde a infância.

Por que eu falo de bilinguismo em minha tese? Porque, tanto a LH, quanto o bilinguismo tratam do contato linguístico. Então, é entre imigrantes e falantes de uma língua nativa, falantes de uma segunda língua. Quando eu tenho LH, sou bilíngue, eu falo minha língua, que é o espanhol, mas eu falo a minha LH, que é o português. Muitos confundem bilinguismo com LH, mas não são iguais.

Heitor Pereira de Lima: O seu trabalho investiga o português na fronteira Elvas - Olivença. Para essa tarefa, a senhora também pesquisa sobre a preservação das marcas de herança e, por isso, preocupa-se em "[...] recolher todas as pistas possíveis para evidenciar que a cidade (Olivença) ainda preserva suas marcas de herança". (SARTIN, 2016, p. 260). Nessa direção, apresenta, por exemplo: i) "[...] a igreja Santa Maria Madalena, de estilo manuelino, construída por Dom Manuel I ainda no século XVI" (SARTIN, 2016, p. 260); e ii) algumas fotografias desse espaço religioso:



Fonte: Sartin (2016, p. 260).



Fonte: Sartin (2016, p. 261).

Gostaria que a senhora comentasse, de acordo com sua investigação, sobre como as marcas de herança preservadas na/ pela igreja Santa Maria Madalena são significadas por aqueles que não se preocupam com as marcas de herança e, portanto, com a LH.

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Na verdade, os espanhóis sabem que o português está ali vivo e sabem que eles não têm como estagnar uma língua. A língua é viva e língua dificilmente morre. Dificilmente uma LH morre, porque, mesmo a pessoa não a utilizando, ela está lá. Os espanhóis sabem disso e se preocupam também, tanto que tentam impor sua força majoritária, seu domínio, sobre os portugueses, para que estes não voltem a ter o domínio que tinham. Então, é uma disputa, sim, de cultura, e os espanhóis querem deixar viva a cultura deles, só que eles sabem que não conseguirão acabar com a cultura portuguesa.

Eu acredito que, na igreja Santa Maria Madalena, os portugueses, de fato, se sentem portugueses.

Heitor Pereira de Lima: Professora, gostaria de encerrar esta breve conversa problematizando uma ideia comum de que a LH é uma língua estagnada, ou seja, imune ao(s) processo(s) de mudança(s), uma língua estacionada no que se refere à variação através do contato. Essa afirmação é verídica? E, ainda, pautando essa discussão nos estudos da sociolinguística, o que podemos concluir?

Elisangela Baptista de Godoy Sartin: Bom, então vamos lá, Heitor. Na parte teórica da minha tese, eu pesquisei uma autora chamada Matias (1984; 2001), que fez dois trabalhos: uma pesquisa em 1984 e, em 2001, ela faz outra pesquisa sobre Olivença. Pensei que não fosse possível ninguém ter se interessado em pesquisar uma cidade toda manuelina, toda portuguesa, onde só vivem espanhóis. Então fui pesquisar e achei poucos trabalhos. Matias (1984; 2001), que contribuiu

muito para meu trabalho, diz, em suas primeiras pesquisas, que o português oliventino está contaminado pelos usos espanhóis. No meu trabalho, faço todas as descrições que ela pesquisou sobre morfologia, fonética, etc. Ela diz, inclusive, que os oliventinos portugueses passaram a usar mais palavras do espanhol em seu dia a dia.

Em 2001, Matias fez outra pesquisa e afirma que a língua dominante "invadiu as ruas, as casas, os nomes e as pessoas e que, orgulhosa, altifalante, espaçosa e forte como uma maré cheia, inundou quase tudo". (MATIAS, 2001, p. 170). Então, ela fala que o espanhol inundou tudo, como uma maré que veio e acabou com a língua portuguesa. Ela coloca assim: o que resta do idioma é a "sombra tímida, envergonhada" de uma língua que os oliventinos não puderam ou não quiseram manter. Então, ela diz que o português em Olivença está acabando porque o espanhol devastou a língua portuguesa.

Bom, Vasconcelos (1980) e Fernández (2004) afirmam que a língua portuguesa teria poucas ou quase nenhuma chance de continuar presente entre os falantes de LH.

Já Matias (2001) fala sobre a agonia do português em Olivença. Olha o título: a agonia. Como se estivesse se afogando, morrendo, ela mostra que a língua está prestes a desaparecer e dá um final pouco feliz à LH em Olivença. Ela faz um estudo sobre quando uma língua morre e diz que a língua portuguesa em Olivença vai morrer, vai acabar.

E aí fui eu lá (em Olivença) e disse não: essa língua nunca vai morrer! Ela está mais viva do que se imagina, mesmo que eles (oliventinos portugueses) não saibam disso, eles nem têm consciência disso. Sabe, Heitor? Se você perguntar para eles quão viva é a LH, eles nem sabem. Mas eu digo: é muito viva!

Bom, então, eu concluí, na minha tese, que nenhum indivíduo nasce pronto, com sua identidade pronta, nenhum indivíduo também é imutável, e eu reconheci que as identidades são fluidas, a depender do espaço. Por isso, o sentimento de pertença linguística em Olivença se dá de uma forma tão turbulenta, porque é um espaço de fronteira. Já disse isso. Talvez em outro lugar não seja tão turbulento.

A língua espanhola, naquela cidade, se dá de uma forma impositiva. Bom, existe uma rivalidade, mesmo que eles não saibam e, às vezes, eles nem acham que há. Porque, se não existisse rivalidade, eles não deixariam de usar a língua deles.

## Referências

FERNÁNDEZ, Manuel Jesus Sánchez. Português de Espanha – Exemplo: o de Olivença. **Revista Barbera Del Vallès**, 2004.

HANDLER, R. Is "Identity" a useful cross-cultural concept? *In*: GILLIS, J. R. (ed.). **Commemorations:** the politics of national identity. New Jersey: Princeton, 1994.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia (org.). **Português como Língua de Herança:** a filosofia do começo, meio e fim. New York: Brasil em mente, 2015.

MATIAS, Maria de Fátima Rezende. A agonia do português em Olivença. **Revista de Filologia Românica**, [s. l.], v. 18, p. 159-170, 2001.

MATIAS, Maria de Fátima Rezende. Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença). Coimbra: Separata da Revista Portuguesa de Filologia, 1984. v. XVIII e XIX.

SARTIN, Elisangela Baptista de Godoy. **O português de herança em território fronteiriço:** a LH em Olivença como arma para preservação de um grupo minoritário. 375 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TOMASELLO, Michael. The Cultural Origins of Human Cognition. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

VASCONCELOS, J. Leite. O português de Olivença. **Revista Lusitana**, Porto, v. II, p. 347-349, 1980.

WILSON, M. Thomas; DONNAN, Hastings. **Border identities:** nation and state at international frontiers. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Recebido em: 9/03/2021 // Aceito em: 5/04/2021